

Empresários atacam Governo e a Constituinte

Almoço de confraternização se transforma no muro de lamentações do empresariado nacional

ROBERTO CUSTODIO
Da Sucursal

São Paulo — O empresariado paulista está desgostoso com a Constituinte — onde o texto aprovado pela Comissão de Sistematização representaria "manobra de uma minoria" — e totalmente desanimado com o Governo Federal, que o impede de participar da política econômica, além de, cada vez mais, intervir na economia.

Essa posição, que vem sendo discutida internamente nos setores empresariais, foi manifestada ontem publicamente em discurso do presidente da Abinee-Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica, Aldo Lorenzetti, durante reunião de confraternização com cerca de mil empresários do setor e de outros segmentos da Indústria do Estado. As críticas ganharam mais peso porque foram feitas diante de convidados especiais: o presidente do Congresso Constituinte, deputado Ulysses Guimarães (valado pelos empresários ao ter seu nome citado pelo ministro da Ciência e Tecnologia, Luís Henrique) e outras autoridades de escala inferior da República.

Aplaudido de pé pelos seus companheiros, o presidente da Abinee foi claro: "o texto aprovado pela Comissão de Sistematização, que ponderáveis parcelas da sociedade condenam, é o produto de manobras regimentais e do pensamento de uma minoria de constituintes, que representam talvez menos de 10 por cento do Congresso", disse, ressaltando esperar que a

maioria do plenário corrija as distorções existentes.

Lorenzetti acredita que o País perdeu um ano sem nada obter de prático e a atividade empresarial também foi afetada pela conjuntura, não vendo concretizada nenhuma de suas aspirações antigas, como a implantação de uma política industrial, redução do déficit orçamentário, resolução da questão da dívida externa e a adoção de prática que permitisse a entrada de novos capitais de risco do exterior. "Nada disso aconteceu. Continuamos sem a menor participação na política econômica, engolindo pacotes e decretos que afetam profundamente as classes produtivas e a população. Continuamos a vender para um Governo que não nos paga e, às vezes, um ou dois anos depois, pretende fazê-lo sem sequer correção monetária".

TECNOCRATAS

Para os empresários do setor, segundo Lorenzetti, as condições de trabalho seriam melhores sem a participação de tecnocratas governamentais que aprovam métodos que podem provocar o sucateamento da indústria e a extinção de dezenas de milhares de empregos. "Vemos os capitais de risco estrangeiros se retirarem e os novos investimentos serem afastados por posturas xenófobas", disse.

Explicando que não pretendia apenas fazer críticas, o empresário apontou caminhos que considera indicados para a superação dos problemas econômicos.

Por exemplo: política de pleno emprego, política salarial não contensiva, o fortalecimento do mercado interno (que provocaria a utilização crescente da capacidade ociosa da indústria pela economia de escala), o aumento da capacidade tributária pelo aumento dos negócios com a consequente diminuição do déficit público e queda da taxa de juros pela menor pressão do Governo no mercado financeiro, conjugada a um regime de austeridade nos gastos públicos. Com a queda dos juros, ocorreria nova diminuição do custo dos produtos que se manteriam acessíveis. E para se manter o alto nível de emprego e evitar a inflação por pressão de demanda, criariam-se situações favoráveis a novos investimentos: lucros justos, dinheiro barato, mercado aquecido, regras do jogo definidas e estáveis, segurança institucional. "O progresso econômico seria consequência", afirmou.

O discurso do empresário provocou reação do ministro da Ciência e Tecnologia, Luís Henrique, que defendeu o Governo Federal e os constituintes. "Ao ouvir essa crítica tão direta, com tanta veemência, só posso dizer que ela pode ser feita porque vivemos num regime de liberdade", observou, afirmando que os constituintes, ao contrário do que os empresários imaginam, são pessoas sérias e com interesse em dotar o País de instituições duradouras. Henrique foi moderadamente aplaudido, mas não obteve sucesso quando mencionou o nome de Ulysses Guimarães.

WAGNER AVANCINI/ANGULAR